

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

O CONTEXTO DA TORRE SINEIRA DA IGREJA DE SANTA MARIA DE LOURES

Paulo Calaveira¹, Martim Lopes²

RESUMO

Teve lugar em 2003 uma intervenção arqueológica de emergência, por parte do município de Loures na área exterior da Igreja de Santa Maria de Loures.

Os autores procuram efetuar uma contextualização histórica deste edificado, bem como uma análise das evidências materiais exumadas e a sua relação com o contexto em que se inserem. Assim, apresentam-se os dados obtidos pelo estudo do espólio cerâmico e metálico, e a sua relação com as sepulturas e ossários que foram escavados, tendo também em consideração as relações estratigráficas existentes.

Este é um contexto de relevância para a história de Loures Medieval/Moderna, dado que a igreja desempenhará um papel crucial no desenvolvimento do traçado urbano da povoação.

Palavras-chave: Loures, Arqueologia Moderna, Cultura Material, Séculos XVI-XVIII, Câmbios espaciais.

ABSTRACT

In 2003, an archaeological intervention, of emergence, was coordinated by the city council of Loures on the external area of the church of Santa Maria de Loures.

The authors try to make a historical contextualization of the building, forwarded by an analysis of the material evidences collected and their relation with the stratigraphy of which they are part.

Whereby are presented the results of the study of the ceramic and metallic evidences and the analysis of the stratigraphy and structures detected.

This is a context with relevance for the history of the evolution of the Medieval/Modern Loures because of the decisive paper of the church in the layout of the oldest part of the contemporary city.

Keywords: Loures, Historical Archaeology, Material Culture, XVI-XVIII centuries, Spatial changes.

1. INTRODUÇÃO

A Igreja de Santa Maria, Matriz de Loures, localiza-se em Loures, distrito de Lisboa. Circundada a Norte, Este e Oeste pelo rio de Loures, local caracterizado por minifúndios e habitações de caráter rural (Oliveira, 2018, p. 1).

Construída antes da segunda metade do século XIII pelos Templários sobre as ruínas de uma igreja mais antiga (Oliveira, Silva e Estêvão, 1999, p. 55), teve um vigário nomeado em 1250 por D. Ayres Vasques. Mendes Leal autor do livro *Admiravel Igreja Matriz de Loures*, de 1909, conseguiu consultar a documentação referente à Igreja, sendo alguma dela, à época, inédita e anterior a 1600. Essa documentação relati-

vamente ao adro e envolvente da Igreja transmitiu informação importante, desde logo por assinalar o início da construção da Torre Sineira em 1620. Esta iria substituir o antigo campanário, demolido em 1625, um ano após o término da construção (Oliveira, 2018, p. 2-3). Pelo facto de esta se encontrar isolada houve a construção de 6 moradias em 1626, cujo objetivo seria por um lado evitar o isolamento desta e por outro garantir o seu cuidado (Leal, 1909). Entre as décadas de 70 e 80 do século XVII existem diversas construções no local, as quais, na sua maioria não terão impacto sobre a temática deste artigo, tratando-se de 2 arrecadações e uma plantação de oliveiras no adro da Igreja. Contudo a construção da torre do relógio terá impacto, uma vez que será

1. NOVA-FCSH; paulocalaveiras@gmail.com

2. NOVA-FCSH; martimafonsorl@sapo.pt

construída junto ao lado Este da Torre Sineira, entretanto demolida (Oliveira, 2018, p. 3).

2. A ESCAVAÇÃO DA TORRE SINEIRA

A escavação ocorreu em 2003 como resultado da implementação de um projeto camarário que visava a reformulação do espaço exterior da Igreja. Os trabalhos arqueológicos, inicialmente planeados enquanto intervenção de acompanhamento, ficaram a cargo do Gabinete de Arqueologia da Divisão do Património Cultural da Câmara Municipal de Loures, sob a responsabilidade da arqueóloga Ana Cristina Oliveira (Oliveira, 2018, p.5).

Durante o acompanhamento foi detetada uma estrutura quadrangular, denominada de estrutura T, interpretada como o único testemunho preservado da torre sineira. Nessa zona foi intervencionado, quer o interior, quer o exterior da estrutura, até à cota máxima de afetação da obra, com uma profundidade total de um metro. Foram então definidas três áreas de intervenção, que seguiram a orientação proporcionada pela própria estrutura da Igreja. área A – correspondente ao interior da estrutura; área B – situada no exterior, a Norte, limitada pelo prolongamento do alinhamento exterior da torre e por área de sondagem; área C – faixa adjacente exterior, a Este, com um metro de largura, sendo o comprimento definido pela área B a Norte e a Sul pela parede Norte da Igreja (Oliveira, 2018, p.5).

No decorrer dos trabalhos foi detetada também uma necrópole, a qual terá pelo menos três ossários e dezasseis esqueletos, nas três áreas intervencionadas. Devido a limitações relacionadas com a cota e área de afetação da obra a real dimensão da necrópole é desconhecida, tendo por essa razão a parte escavada sido considerada apenas como uma amostra da realidade arqueológica aí existente.

3. ESTRUTURA “T”

Estrutura formada por duas paredes uma a nascente e outra a Norte, que forma um ângulo reto. Estas tocam os silhares da parede da igreja fazendo, assim, uma estrutura quadrangular (Oliveira, 2018, p. 9).

O aparelho é constituído por blocos de calcário de grande dimensão no exterior. O interior, constituído por calcários e basaltos, apresenta também alguns seixos rolados e alguns fragmentos cerâmicos, unidos por uma argamassa elaborada à base de cal

(Oliveira, 2018, p. 9). O método construtivo aqui aplicado é composto por pedras abundantes regionalmente, nomeadamente os calcários, os basaltos e os seixos rolados, dado que esta região se encontra na junção entre um maciço calcário e basáltico, tendo os seixos, muito provavelmente, ter sido recolhidos no rio de Loures.

4. ESPÓLIO CERÂMICO

O espólio analisado no presente estudo apresenta-se bastante fragmentado, condicionando a informação passível de ser retirada. A cerâmica comum é a melhor representada, com 69% do total recolhido. Segue-se a faiança com 14% do total exumado e os azulejos com 13%. Apenas 3% dos materiais são porcelanas e 1% corresponde a cerâmica de construção, a qual não foi estudada.

Uma grande percentagem de materiais saiu da área A, com 42% do total. Isso pode dever-se a diversos fatores, um dos quais poderá estar relacionado com os enterramentos que existem nessa área, os quais também são, numericamente, superiores em relação às outras áreas de escavação. Salientar que, do universo em análise, não se sabe a área de 42% do espólio. Da área B vem 12% e da área C vem 4%, situação que pode dever-se ao facto de ser nesta área onde foram detetadas menos sepulturas. Com menos de 1% registam-se materiais em que não é precisa a origem na área B ou C.

4.1. Cerâmica Comum

A cerâmica comum é a melhor representada dos materiais analisados, correspondendo a 69% do conjunto estudado. O que se traduz quantitativamente em 210 fragmentos e, pelo menos, 72 indivíduos, de acordo com o protocolo de *Breauvray* (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998).

Seguindo a proposta, no que respeita à função, de Jacinta Bugalhão e Inês Coelho, as cerâmicas comuns foram agrupadas em cozinha, mesa, armazenamento e transporte (Bugalhão e Coelho, 2017, p. 109).

A nível de cerâmica de cozinha foram exumados 1 alguidar, 1 bacia, 3 possíveis frigideiras, 8 painéis, e 3 que poderão ser painéis, 3 tachos, a possibilidade de haver um quarto, existindo 4 em que morfológica e funcionalmente não se distingue bem entre tacho ou painel. Funcionalmente o alguidar está associado à preparação de alimentos, mas também à higiene pessoal. A frigideira era utilizada para fritar alimentos, ou

em azeite, ou em banha animal. O tacho e a panela teriam utilizações semelhantes, contudo o tacho podia-se servir à mesa, passando a ter uma dimensão comunitária (Bugalhão e Coelho, 2017, p. 111, 120 e 130).

Nas cerâmicas de mesa destaca-se a presença de 1 possível bilha, de 4 jarrinhas, de 1 possível jarro, de 2 púcaros e um possível terceiro de 11 potinhos, havendo um décimo segundo potinho interrogado, de 6 pratos, de 2 tigelas, de uma peça que poderá ser uma tacinha e de 2 possíveis taças.

As bilhas seriam usadas para armazenar alimentos líquidos. Os pratos eram usados para servir à mesa ou para comer e, no caso de exemplares de maiores dimensões, podiam ser de uso comunitário. Os jarrinhos, os púcaros e os potinhos teriam utilizações semelhantes, podendo servir para se beber, em uso individual, ou para servir líquidos, com uso, possivelmente, coletivo (Bugalhão e Coelho, 2017, p. 118-126).

No que respeita a cerâmicas de armazenamento e transporte há 1 talha e um pote. As talhas eram usadas para o armazenamento de alimentos líquidos, ou de cereais. O pote funcionava de forma semelhante à talha (Bugalhão e Coelho, 2017, p. 124-131). Há quem coloque a hipótese de os potes serem cobertos por testos (Fernandes, 2012, p. 331).

Observa-se que a maior concentração de cerâmica comum vem da área A, num total de 57 fragmentos cerâmicos. Verifica-se que esta é a zona de onde mais material arqueológico saiu, como já constatado. Da área B saíram 26 fragmentos. Da área C foram exumados 5, zona de onde saíram menos materiais, facto também já constatado. E da área C/B saiu 1 fragmento cerâmico.

No que respeita à origem das cerâmicas comuns destaca-se o que é designado como Local/Regional, querendo isso dizer, que contendo uma matriz quartzo-micácea, não muito depurada, com grãos de uma pequena média dimensão, com matriz geológica atribuível a produções com origem no vale do Rio Tejo, sendo impossível restringir mais geograficamente, ou procurar mesmo centros produtores, com um total de 211 fragmentos cerâmicos. Existe apenas um bojo atribuído a produções de barro vermelho, tratando-se de cerâmicas não vidradas de uso doméstico, com uma diversidade formal bastante ampla, o qual deverá tratar-se de uma produção Lisboaeta (Castro *et al.*, 2017, p. 1742).

No que toca às cozeduras a maioria delas, mais con-

cretamente 147 fragmentos, apresentam uma cozedura oxidante. Apenas 2 fragmentos possuem uma cozedura oxidante-redutora. Com cozedura redutora existem 16 fragmentos. Com cozedura redutora-oxidante existem 45 fragmentos. Ou seja, ocorre um predomínio de pastas com tons vermelhos, ou alaranjados, em detrimento das que possuem cores como cinzento ou castanho-escuro. Isso sugere um elevado grau de qualidade nos fornos onde as peças foram cozidas, com um profundo controlo da entrada de oxigénio no interior da câmara de cozedura.

4.2. Faiança

A faiança, que corresponde a 14% do conjunto, trata-se do segundo grupo com maior dimensão. É assim um grupo constituído por 43 fragmentos e, pelo menos, 11 indivíduos.

Existe uma maior concentração de faianças na área A, num total de 29 fragmentos. A área B contém 4 fragmentos e a área C um total de 6 fragmentos. Contabilizam-se 4 fragmentos dos quais se desconhece a área. Destaca-se a área C que, quanto à faiança, contraria a tendência que registava como local com menor número de espólio.

A forma mais representada é a do prato, num total de 5 indivíduos. Destaca-se a existência de 3 escudelas, assim como de 35 fragmentos classificados como indeterminados.

Em relação ao acabamento das faianças, ou seja, ao esmalte, registam-se as seguintes cores: azul sobre branco; azul sobre azul e azul e vináceo, sendo que estas colorações correspondem às habituais em contextos modernos. Destaca-se o azul sobre branco com um total de 33 fragmentos. Sem decoração estão apenas presentes um total de 8 fragmentos, bem como apenas um fragmento de cor azul sobre azul, de estilo *berretino* (Bercero e Alaix, 2010), e um decorado a azul e vináceo, com temas barroquizantes. A decoração de muitos dos fragmentos, num total de 26, foi difícil de precisar, dado o estado de conservação em que se encontravam, sendo dados como motivos indeterminados. Destacam-se os motivos vegetalistas, num total de 7 fragmentos, sobretudo no tema de pétalas de malmequeres (Casimiro, 2013). Segue-se a decoração com apenas uma banda azul no exterior e motivos vegetalistas no interior, da qual foram exumados 3 fragmentos.

Regista-se ainda, nas decorações com azul, a existência de um fragmento com decoração em motivo *Berettino* (Bercero e Alaix, 2010), dois fragmentos

com círculos concêntricos no fundo, dois fragmentos com motivos compósitos e dois apenas com uma linha simples no interior.

Por fim, surge um fragmento com decoração de motivos barrocos, com a representação de aranhões e pêssegos, com o emprego das cores azul e vináceo sobre fundo branco.

A análise crono-estilística teve por base os trabalhos de Tânia Casimiro (2013) e de Anabela de Sá (2012). Assim sendo, as faianças em estudo inserem-se, no que respeita à decoração em dois tipos o A e o D1, tipos esses que não são fáceis de discernir um do outro neste caso dado que o espólio se encontra bastante fragmentado.

O tipo A caracteriza-se pelas bandas junto ao bordo e por conter círculos concêntricos e motivos vegetalistas como decoração (Sá, 2012, p. 966). O tipo D1 contém como principal motivo de decoração bandas geométricas de cor azul (Sá, 2012, p. 968). Esses tipos decorativos encontram-se datados do primeiro quartel do século XVII (Sá, 2012, p. 973). Em termos cronológicos peças com decorações com motivos geométricos e vegetalistas enquadram-se na denominada Fase IV, balizada entre 1635-1660, (Casimiro, 2013, p.350). A fase V, datada de 1660-1700, caracteriza-se pelas decorações compósitas, mas também pela difusão por camadas mais modestas, neste caso destaca-se uma peça que contém uma decoração barroca (aranhões e pêssegos), datada, tendo em conta o autor já citado, da última década do século XVII (Casimiro, 2013, p. 362-363). A fase VI, de 1700 a 1766, caracteriza-se por decorações em linhas concêntricas e por peças brancas (Casimiro, 2013, p. 364).

Assim, é possível balizar o conjunto de faianças, a nível decorativo, entre o primeiro quartel do século XVII e meados do século XVIII.

A maioria das faianças, mais concretamente 41 fragmentos, têm origem em Lisboa. Os outros 2 não foi possível determinar com certeza a sua origem dado o seu mau estado de conservação.

4.3. Porcelanas

Oriundas da China, as porcelanas são o material mais escasso de todo o espólio estudado constituindo 3% do total. Efetivamente, neste sítio arqueológico, regista-se a presença de 9 fragmentos resultando em, pelo menos, 5 indivíduos. Estas concentram-se sobretudo na área A, num total de 7 fragmentos. A área B relevou 2 fragmentos. Não foi encontrada qualquer porcelana na área C.

As formas parecem concentrar-se em pratos com pé anelar, contudo a maioria das formas não são passíveis de classificar pelo estado muito fragmentado do contexto, sendo possível balizar o conjunto das porcelanas sobretudo do século XVII.

As porcelanas em conjunto com as faianças indicam, entre muitas outras coisas, a presença, não propriamente de elites com grande poder económico, mas de populações que possuíam condições financeiras para adquirirem pequenas peças, algo comprovado com o baixo número de indivíduos de porcelana. Como defendido por alguns autores quando afirmam que a compra de porcelanas não era exclusiva de elites (Henriques, 2012, p.930).

4.4. Azulejos

Foram exumados um total de 40 fragmentos de azulejos na escavação da Torre Sineira da Igreja Matriz. Destaca-se o facto de a maioria vir da área A, num total de 32. Da área B saíram 6 e 2 da área C.

A policromia da coleção de azulejos é variada, aparecendo as seguintes cores: azul; branco; verde e azul e branco e castanho. A cor com maior número de exemplares é a branca, 15 fragmentos. Destaca-se cor a verde com 10 fragmentos. Com a cor azul existem 7 fragmentos. Com a policromia azul e branco existem 2 fragmentos. Contendo a policromia azul, branco e castanho existem dois fragmentos de azulejo. Esses últimos destaca-se por ser o único importado, tratando-se de um azulejo hispano-mourisco executado segundo a técnica de aresta, produzido, possivelmente, em oficinas sevilhanas. Os exemplares feitos nessa técnica situam-se cronologicamente no segundo quartel do século XVI (Bargão, Ferreira e Silva, 2017, p.1786).

Seria inverosímil presumir que estes fossem parte da decoração do exterior da torre. Isso deve-se ao facto de estratigraficamente estes se encontrarem em camadas anteriores à construção da Torre Sineira. Os que foram recolhidos nas áreas exteriores à estrutura T, nas áreas B e C, não indicam que esta estivesse forrada por eles, por diversos motivos. Em primeiro lugar um dos azulejos da área C data, na sua produção, da primeira metade do século XVI; em segundo lugar o número em que aparecem é quantitativamente bastante baixo; em terceiro lugar encontram-se associados a ossários e a esqueletos. Contudo tem de se colocar a hipótese de grande parte dos azulejos fossem parte de um rodapé que a igreja poderia ter, destruído aquando da construção

da torre sineira. Tal facto parece ser verosímil pelo facto de na sua maioria, os fragmentos com origem na área A se encontrarem em camadas anteriores à edificação da torre.

4.5. Espólio não cerâmico

Destaca-se uma grande quantidade de pregos encontrados, com um total de 42 na área A, 16 na área B, 3 na área C. Destacar que os encontrados nas áreas B e C estavam dispersos, enquanto os da área A estavam associados a esqueletos, situação que aparenta ser coeva com uso de caixões.

A nível de numismas destacam-se duas moedas em bronze, uma associada ao Esqueleto XII, área A; e outra retirada de terras remexidas, tratando-se ambas de dois céntimos do reinado de D. João II (1455-1495). Na área B foram exumadas duas moedas, ambas correspondendo a um real e meio, uma encontrava-se associada ao Esqueleto I, datada de 1712, ou seja, do reinado de D. João V, enquanto a outra estava associada ao Esqueleto II, estando datada do reinado de D. Afonso VI (Oliveira, 2018, p. 10-13)

Na área A foi encontrada uma conta em osso com perfuração central, assim como mais duas na área B, também em osso, sendo uma delas alongadas, esta com decoração anelar. Estes materiais poderão tratar-se de evidências de colares ou terços dado o seu contexto (Oliveira, 2018, p. 10-11), situação reforçada pela forma circular e lisa da outra conta recolhida na área B.

Destacam-se os alfinetes exumados, possivelmente em bronze, um sem cabeça localizado perto do Esqueleto II, e um completo na camada 2, ambos na área B. Na área C foi encontrado também um alfinete em bronze sem cabeça.

Na área A foi exumado um brinco, associado ao Esqueleto VIII, cujo sexo desconhecemos, em metal, em forma de lágrima, com uma pérola branca. Esta estava ladeada pelos negativos de possíveis pedrinhas. Este não continha o sistema de fechar (Oliveira, 2018, p. 10). Esta evidência sugere que se poderá tratar de um indivíduo do sexo feminino.

Também foram exumados vidros da escavação, contudo pelo facto da informação que se obteria com o seu estudo ser praticamente nula, optou-se por não se proceder ao seu estudo.

5. CONCLUSÕES

A escavação revelou uma zona de descarte cerâmico, assim como um cemitério. Destaque para a cerâmica comum enquanto material dominante em termos estatísticos. Contudo, são as faianças e as porcelanas que permitem tirar conclusões mais prementes sobre os habitantes de Loures. As faianças foram produzidas quase todas em Lisboa, algo compreensível pela proximidade à dita cidade. As porcelanas, não sendo indicador de elites, atestam que seriam consumidas um pouco por todas as classes sociais.

Dos materiais os azulejos poderiam ser os que possuíam uma associação direta com a igreja. Algo que não sendo totalmente verdade, também não deixa de ser uma impossibilidade, pelo facto de existir uma concentração na área onde foi implantada a Torre. Essa situação pode ser explicável com a destruição parcial de um possível rodapé que o exterior da Igreja poderia possuir. Contudo um grupo de azulejos não pertenceriam à igreja, nomeadamente um hispano-mourisco, de aresta, que foi lá descartado, azulejos estes que surgem habitualmente associados a contextos habitacionais.

Apesar dos resultados, estes permitem levantar algumas questões. Poderá parte do espólio estar relacionado com as seis casas mandadas construir na primeira metade do século XVII? Qual a será a verdadeira dimensão e efetiva diacronia do cemitério? No que respeita a dados obtidos em relação ao cemitério, ressaltando que o objetivo principal não era um estudo aprofundado deste, destaca-se a sua aparente cronologia lata, pelo menos entre o século XV e o XVIII. A grande quantidade de pregos associados a esqueletos leva-nos a crer que estes foram inumados dentro de caixões, já a presença de alfinetes em bronze, associados a certos esqueletos, pode significar o envolvimento do corpo do defunto numa mortalha ou sudário.

BIBLIOGRAFIA

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE M., ed. (1998) – Protocole de quantification des céramiques. In *La quantification des céramiques. Conditions et protocole*, Actes de la table ronde du Centre archéologique européen du Mont Beauvray. Glux-en-Glenne: centre archéologique européen du Mont Beauvray, pp. 141-157.

BARGÃO, André; FERREIRA, Sara; SILVA, Rodrigo Banha da (2017) – Policromias e padrões: azulejos “de aresta” e “de corda-seca” do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa (Sé-

culos XV-XVI). In *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1781-1794.

BERCERO, Julia Beltrán; ALAIX, Núria Miró I (2010) – El comerç de ceràmica a Barcelona als segles XVI-XVII: Itàlia, França, Portugal; els tallers del rin i Xina. *Quarhis*. Barcelona. Época II, nº 6, pp. 14-91.

BUGALHÃO, Jacinta; COELHO, Inês (2017) – Cerâmica Moderna de Lisboa: Proposta Tipológica. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa / Departamento de Património Cultural / Direção Municipal de Cultura / Câmara Municipal de Lisboa, pp. 106-146.

CASIMIRO, Tânia (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Volume 16, pp. 351-367.

CASTRO, Anabela; PAULA, Nuno; TORRES, Joana; CURADO, Tiago; TEIXEIRA, André (2017) – Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no largo das Olarias, Mouraria (Lisboa). In ARNAUD, J. M. e MARTINS, A. (coords.) *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1731-1749.

FERNANDES, I. (2012) – *A louça preta em Portugal: estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Tese de Doutoramento em História, Especialidade em Idade Contemporânea, Braga, Instituto de Ciências Sociais / Universidade do Minho.

HENRIQUES, José. (2012) – Do Oriente para o Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos da época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José, eds. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores. Volume 2, pp. 919-932.

LEAL, Joaquim José (1909) – *Admirável Igreja Matriz de Loures*. Lisboa: Typographia do Commercio.

OLIVEIRA, Ana Cristina (2018) – Notas sobre a intervenção arqueológica na zona envolvente da Igreja Matriz de Loures: Confirmações e Novidades. In *Colóquio Igreja de Santa Maria de Loures: Descodificar o Passado, Projetar o Futuro*. Loures, pp. 1-26.

OLIVEIRA, Ana Cristina; SILVA, Ana Raquel e ESTÊVÃO, Florbela (1999) – Património edificado do Conselho de Loures. In *Catálogo da Exposição “O Medieval e o Moderno em Loures – Viagens pelo Património”*. Loures: Câmara Municipal de Loures e Museu Municipal de Loures, pp. 47-67.

SÁ, Anabela (2012) – Elementos para a caracterização da faiança portuguesa do século XVII: a tipologia de Pendery aplicada à realidade da Casa do Infante (Porto). In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José, eds. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: CHAM / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores. Volume 2, pp. 963-974.



Figura 1 – Planta geral da estrutura T, correspondente aos restos da torre sineira. Museu Municipal de Loures.

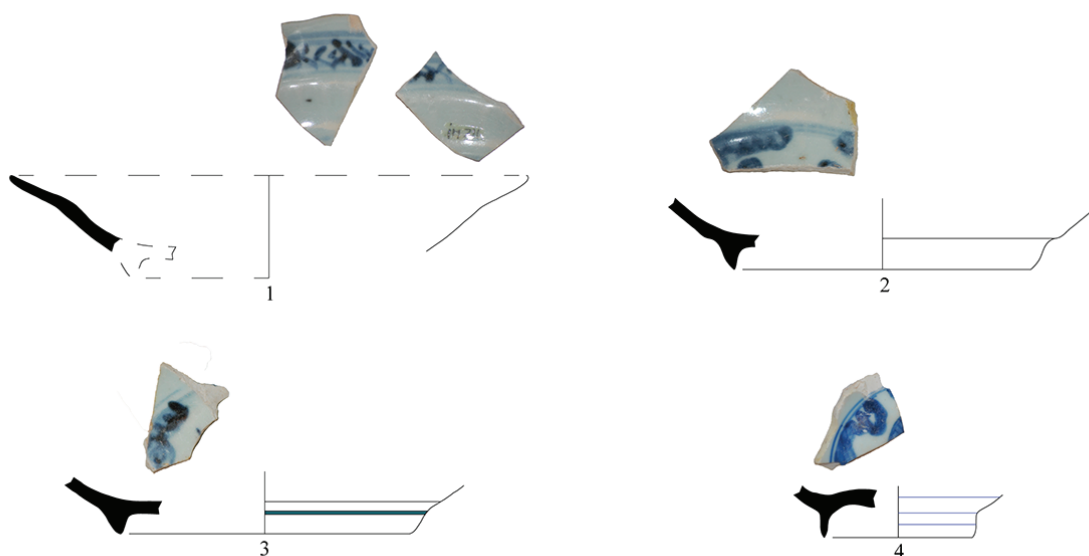
NMI total por forma e área											
	Forma	Área A		Área B		Área C		Sem Área		NMI Total	
		NMI	Total	NMI	Total	NMI	Total	NMI	Total		
Cerâmica Comum	Alguidar	1	16		6		2		48	88	
	Pote	1									
	Tacho	1									2
	Jarrinha	1									2
	Prato	1									5
	Indeterminado	7		3		2		13			
	Potinho	4		1				6			
	Panela			1				6			
	Taça?			1							
	Bacia							1			
	Panela?							2			
	Potinho?							1			
	Púcaro							2			
	Talha							1			
	Tigela										
	Tacinha?							1			
Tacho/ Panela?				3							
Tacho?				1							
Faiança	Escudela	1	7	1	2				2		
	Prato	4						1			
	Indeterminada	2		1				1			
Porcelana	Prato	2	5								
	Indeterminada	3									

Tabela 1 – Contabilização geral do número mínimo de indivíduos por fabrico, forma e área de intervenção.

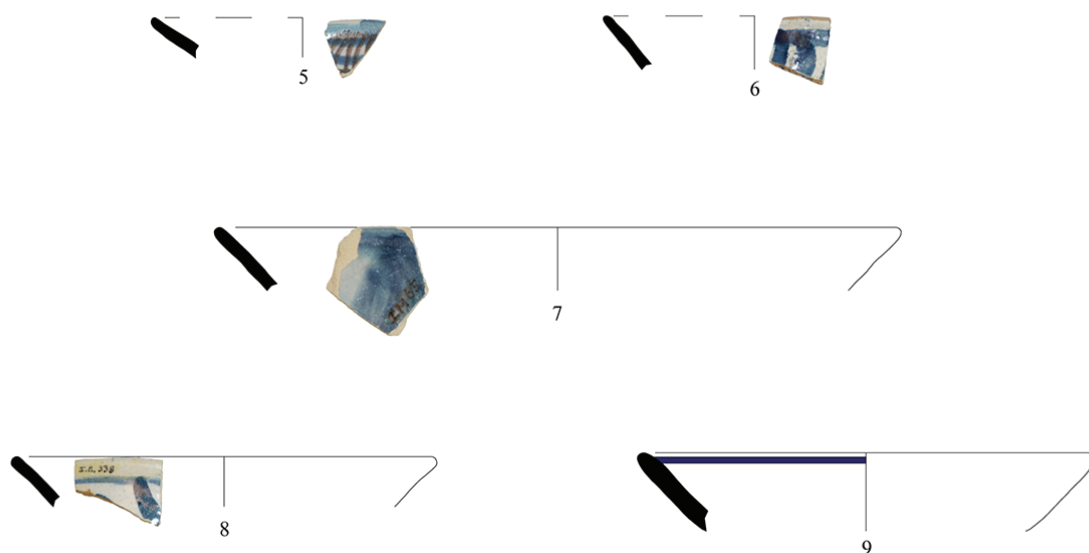
Quadro síntese dos azulejos				
	Cores	Quantificação	Total por área	TOTAL
Área A	Azul	7	32	40
	Azul e branco	1		
	Branco	15		
	Verde	9		
Área B	Verde	4	6	
	Azul, branco e castanho(Azulejo de aresta)	2		
	Indeterminado	2		
Área C	Azul e branco	1	2	
	Indeterminado	1		

Tabela 2 – Contabilização total do número de fragmentos de azulejo recolhidos na intervenção arqueológica da igreja matriz de Loures.

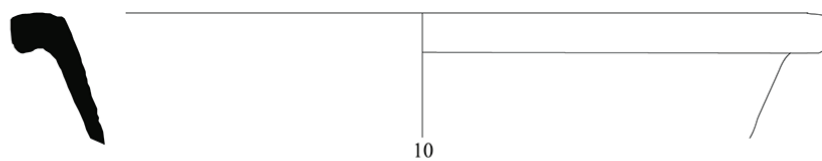
Porcelana



Faiança Portuguesa



Cerâmica Comum

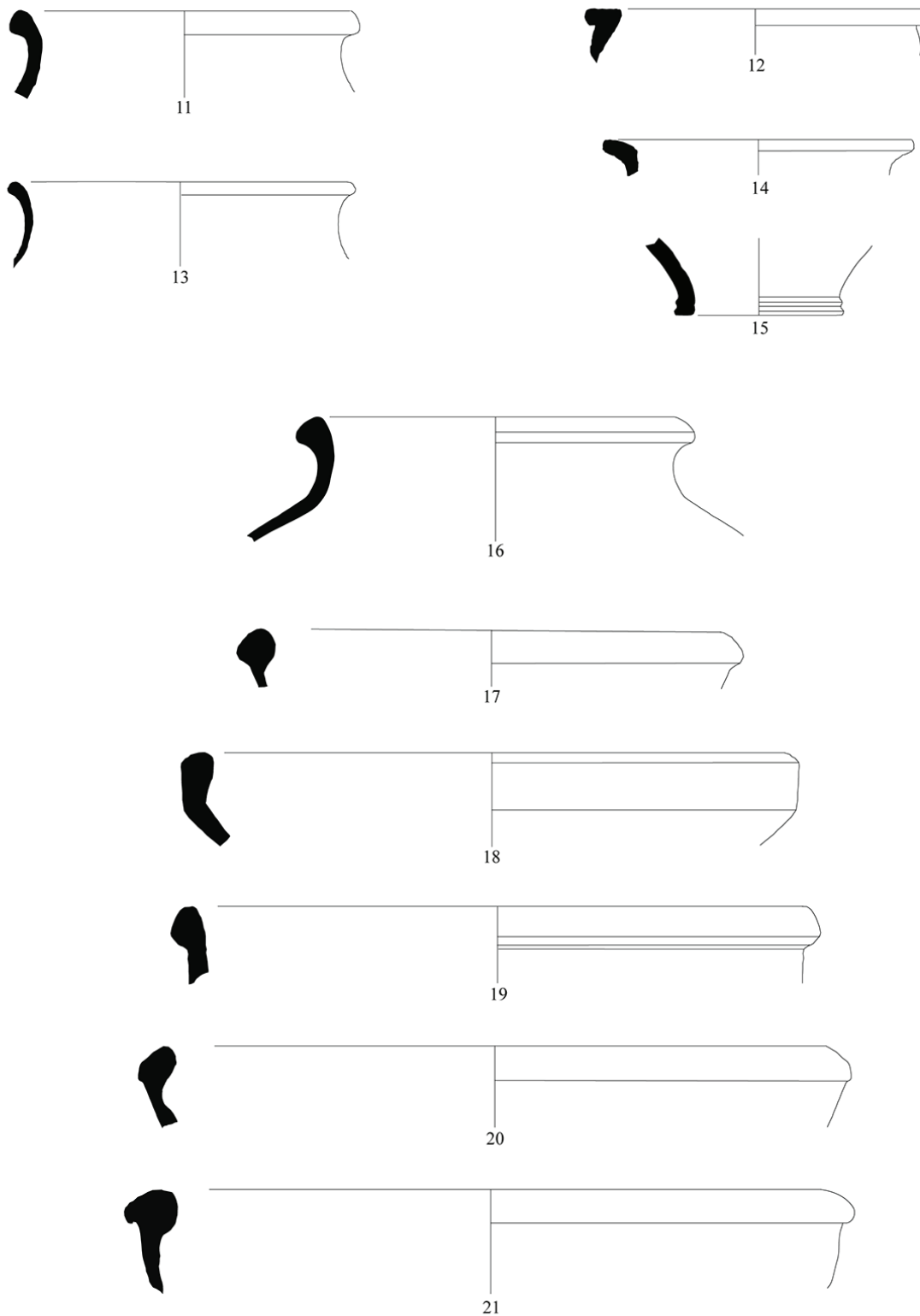


Escala 1:2



Figura 2 – 1-3 – pratos; 4 – fundo indeterminado; 5 – prato com decoração em azul cobalto e manganês; 6-9 – pratos com decoração em azul cobalto; 10 – Bacia.

Cerâmica Comum



Escala 1:2



Figura 3 – 11-12 – Panelas; 13-15 – Potinhos; 16 – Tacho; 17 – Panela; 18-20 – Tacho; 21 – Panela.

Cerâmica Comum

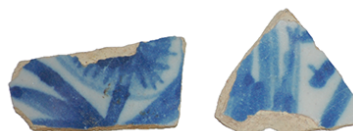


22

Faiança Portuguesa



23



24

Azulejo



25



26

Numismas



27



28



29



30

Escala 1:1



Figura 4 – 22 – Cerâmica comum fina com incisões; 23 – Faiança decorada com motivos de pétalas de malmequer em azul cobalto; 24 – Faiança de motivos vegetalistas em azul cobalto; 25-26 – Fragmentos de azulejo hispano-mourisco; 27 – Real e meio de D. Afonso VI, 1643-1683, associado ao Esq. II; 28 – Real e meio de D. João V, 1712, associado ao Esq. I; 29 – Ceitil de D. João II; 30 – Ceitil de D. João II, associado ao esq. XII.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores de Arqueologia do Porto

